

O COY

J P DALMEIDA

Copyright © 2023 por João Manuel Pais de Almeida

Coordenação editorial, Diagramação, Revisão e Capa:

João Pais de Almeida

O COY

AMIZADE ESQUECIDA

Este Outono está triste. A chuva e o frio chegaram cedo demais. Pela janela do meu quarto posso ver os pingos da chuva a cair no chão e no tanque que serve para guardar a água para a rega durante o verão, normalmente, muito seco. Estamos no início do Outono e o tanque está cheio o que indica que não foi utilizado. O meu primo que cuidava deste terreno morreu e como não teve filhos, a sua esposa minha prima, não tem possibilidade de manter a agricultura ativa e as terras limitam-se a ser lavradas e, como se diz por aqui, deixadas. Na água verde do tanque as gotas da chuva caem incessantemente como se quisessem ocupar totalmente a superfície líquida. A água verde deixa as gotas caírem e recebe-as formando umas ondas que acabam por chocar umas, contra as outras impedindo as mais recentes que as anteriores cheguem às laterais do tanque. Estou aqui, penso eu que há mais de uma hora, a contemplar este espetáculo da natureza, sem alterações, constante, sem surpresa, mas lindo, inexplicavelmente lindo, por ser tão incessantemente uniforme. O som dos beirais no chão, o cheiro da terra molhada são sensações e sentimentos que não são facilmente descritos e explicados através da escrita ou da fala. Não é fácil descrever este tipo de situações. O frio, o frio ainda é de outono, mas já se faz sentir com alguma força sendo difícil de manter aquecidas as mãos e os pés mesmo que já cobertos por roupa que é mais de inverno do que de Outono. Quando passo a mão pela cara ou simplesmente lhe toco com um dedo, ou se mexo na minha pele do corpo, sinto o mau estar, o arrepio da mão fria no meu

O COY

corpo aquecido e sinto uma sensação desagradável de frio motivado pela sensibilidade do meu rosto e corpo.

Ao longe vejo nuvens, muitas nuvens, hoje, aliás como ontem, não consegui ver o sol, aquele sol que tanto amo, o sol que me dá o calor e a luz que tanto aprecio. Recordo-me daqueles dias em que, ainda estava trabalhando numa instituição bancária da capital e tinha o privilégio de ter a minha mãe para almoçar comigo. Naqueles dias quentes e secos do verão mediterrâneo ela, como pessoa que nasceu e viveu muito tempo no campo, procurava as sombras para andar, mas eu ia ao sol, queria estar debaixo daquele calor acolhedor que nunca me saciava, indiferente ao peso e ao calor que o terno me poderia causar e do estrangulamento que a gravata me poderia fazer. Eu não os sentia. Isso remete-me para outras situações e recordações simpáticas da minha vida. Ainda antes de estar ao serviço do banco, estando eu a trabalhar numa empresa de tecnologias de informação e como o uso da gravata, de verão ou de inverno nunca foram problema para mim, eu tive de ir fazer, por três dias apresentações no Hotel Ritz porque nenhum dos meus colegas gostavam e usavam gravata, sendo mesmo agradavelmente simpático para mim, ver a forma displicente como a usavam ou com um nó que demonstrava que não o sabiam fazer porque não era habitual utilizá-la com alguma frequência. Tive outras situações na vida em que o fato de usar gravata me fizeram ser escolhido para determinadas tarefas. Já no banco, em pleno verão, quando toda a gente andava de camisa de meia manga e calça de ganga ou de outro tecido, mas fino, lá estava eu de terno e gravata. Certo dia foi necessário ir à administração tratar de um assunto e como mais ninguém tinha gravata o

O COY

escolhido fui eu. Lá fui eu com o meu Fiat Uno de quase quinze anos fazer a tarefa que nem era do meu fórum. Na garagem do banco, destinada aos carros da administração lá estacionei a minha viatura no meio de carros de marcas superiores, bem superiores, e do próprio ano e do ano anterior. Estas minhas escolhas para este tipo de tarefas que, supostamente, não me diziam respeito nunca me trouxeram qualquer vantagem nem um elogio sequer. Não me estou a queixar, porque como sempre disse, não me interessa o que os outros ganham, mas sim o que eu ganho porque é com esse dinheiro que tenho de me governar. Mas é interessante analisar como as escolhas nessas empresas que não têm grandes preocupações com as vendas, como os chefes funcionam, muitas vezes, inexplicavelmente, fazem elogios e promovem, normalmente os mesmos, sem que se note um trabalho particularmente melhor que o nosso ou até de outros colegas. O desrespeito e a pouca-vergonha é de tal modo gritante que recordo num ano, ainda estava bem recente na instituição, que pelo trabalho desempenhado, fiz muito mais, do que aquilo que me era exigido e... não fui promovido. A injustiça foi de tal modo gritante que o meu colega que foi promovido me veio pedir desculpa como se ele tivesse alguma culpa com esse facto. Claro que não teve. Hoje à distância sei que o motivo desse ódio foi transmitido a esse chefe por um amigo, entre muitas aspas, que almoçava várias vezes comigo e certamente lhe levava alguns comentários menos abonatórios que eu possa ter feito. Essa razão foi de tal modo gritante, que esse colega passou a ser o menino querido desse chefe, também ele entre muitas aspas, de tal modo que ocupou o seu lugar quando da sua morte. Morreu bem cedo essa espécie de chefe, o que

O COY

realmente lamento, porque ninguém tem o meu ódio, porque na realidade não odeio ninguém.

Voltando ao meu dia de hoje e de ontem, cá estou eu preso em casa porque aqui, na província, quando chove, não há nada para fazer. Ao longe, do meio das árvores saem e erguem-se no ar umas fumaças que não passam de nevoeiro, o que torna a imagem engraçada pois parecendo fumo, não faz sentido num dia em que a chuva não para um segundo que seja. Chuva, nevoeiro, frio, vento, escuridão, enfim tanta coisa negativa para mim que a natureza me está a castigar nestes dias de férias que tirei para estar pelo campo no interior do país. Estes não são, de forma alguma, os dias que eu gosto. Não são os dias que me fazem sentir feliz, mas tal como diz a minha mãe na sua grande sabedoria dos oitenta e muitos anos, temos de passar por tudo porque tudo faz parte da vida. Posso dizer que não nasci para viver dias como estes e dificilmente me habituaria a viver em um país em que o sol não fosse um frequentador assíduo, mas realmente para saber fazer as escolhas, temos de viver estes dias, sentir a sensação de que eles nos transmitem, as suas sensações, para que haja termo de comparação. Dizer que não se gosta de alguma coisa sem se conhecer é algo que não faz sentido para mim.

Vim de longe, de muito longe mesmo, porque após a minha aposentadoria resolvi viver num país mais quente, com mais luz e com mais dias de sol, para ver a minha família e amigos e sobretudo estar com a minha mãe que já não via há seis meses, embora lhe telefone diariamente duas vezes, quando me levanto e por volta das vinte e três horas de cá.

O COY

Apesar da idade avançada da minha mãe ela não está tão mal com muita gente da mesma época está e sobretudo, graças a Deus, ainda está connosco, já que muitos da idade dela já não se encontram entre nós, sobretudo mau para os seus familiares que sentem imensamente a sua falta. Continua a poder fazer a sua vida sozinha, fazer a sua comida e as suas coisas, tendo unicamente alguns lapsos de memória que podem ser considerados graves, sobretudo sobre acontecimentos recentes, mas como uma incrível clarividência sobre coisas que se passaram no passado, no seu passado. Uns falam de demência, outros em Alzheimer, mas para mim trata-se de cansaço. Cansaço mental, cansaço intelectual, cansado do cansaço da opinião dos doutores de meia tigela, doutores que nunca entraram numa universidade, que fazem diagnósticos baseados na sua enorme ignorância, na sua enorme burrice, na falta de consideração e respeito por uma pessoa, que como ela mereceria todo o respeito de toda a gente. Interessante ver como as coisas mudaram. Antigamente os velhos eram considerados importantes pelo seu conhecimento e sabedoria da vida e hoje ninguém quer saber da opinião de nenhum velho, porque a razão, o conhecimento e a sabedoria está nos jovens. Novos tempos com novas regras

Sabe-se que até aos quarenta anos, na maioria das vezes, somos fortes e poucas doenças nos afetam, mas a partir daí, mais cedo ou mais tarde as mazelas, começam a aparecer e com os sessenta anos elas se agravam, e, se complicam imensamente, a partir dos setenta e cinco anos, isto evidentemente para quem tem o privilégio de chegar a essas idades. O resultado dos oitenta anos nas pessoas é assustador, alterando totalmente a fisionomia da quase a totalidade do ser

O COY

humano. O mais triste ainda vem daqueles que tendo responsabilidades publicas funcionam desrespeitando os mais velhos e fracos para defenderem os ricos ou os supostos ricos aqueles que eu chamo de riquitos e que existem tantos por aí. Esses que têm responsabilidade publica vieram e abusaram completamente com uns trabalhos feitos nuns terrenos que a minha mãe tem por aqui, no interior do país. Em uma fazenda de alguma dimensão para os parâmetros locais, e na qual passa uma estrada em um dos lados a qual tem do lado opostos um pinhal, normalmente mal-amanhado e totalmente ilegal, a camara municipal ou a companhia de eletricidade resolveu colocar uns postes dentro da propriedade da minha mãe, portanto, invadindo perfeitamente a propriedade privada, coisa que se diz à boca cheia não existe em democracia, qual democracia? como se tratasse de um terreno baldio. Pior, a prepotência foi de tal modo desenvergonhada, indecente, desrespeitadora e abusiva que essa mesma estrada foi alargada e alcatroada sendo todo o terreno retirado da fazenda da minha mãe, que estava sempre lavrada e limpa. Do outro lado da rua, o pinhal com mato exageradamente alto, em perfeito desrespeito pelas leis locais, já que se encontra perto de populações, tudo se manteve intacto, nada foi mexido, nem um centímetro foi usado. A pergunta é: mas por que raio as instituições funcionam assim? Porque têm tanto respeito por uns e tanta falta de vergonha e consideração por outros? A única explicação que encontro é que o referido pinhal pertence a uns riquitos da terra, lá das aldeias e conhecidos na vila e pelos vilões, os famosos manda-chuva lá do sítio, e por isso não se mexe. Ao invés a terra tratada e lavrada pertence a uma senhora idosa e sem grandes recursos, boa e simples há que

O COY

mexer, digo eu, roubar sem qualquer problema. Infelizmente, vimos, vemos e veremos a ver na política, nos tribunais, enfim, nos poderes de decisão, quem tem dinheiro, poder e posição ser protegido, guardado e reservado e quem é pobre pagar sempre a fatura. Pode ser que haja países em que não seja assim, mas pela minha experiência, posso-vos dizer que no mediterrâneo, em África e na América Central e do Sula prática é um lugar-comum. Democracia enche a boca dos políticos, mas só para cidadão ver e sobretudo em época de eleições ou quando querem fazer algo contra a população, mas efetivamente a democracia, a igualdade de direitos, o acesso á liberdade está longe de ser uma realidade e é, ainda uma miragem para muitos. A democracia nos tribunais é outra aberração que não faz qualquer sentido, pois esses locais são, mesmo em democracia pequenas manchas de ditadura rígida e cega, mas sobretudo intolerante tornando a classe dos juízes uns reizinhos das leis, os quais, obviamente estão acima da própria lei, já que nem presos podem ser como qualquer outro cidadão.

Vim também para estar com amigos. Amigos que de algum modo têm alguns laços comigo como o clubismo, amigos de infância, de uma infância passada juntos e ex-colegas de trabalho. Alguns que são do mesmo team que eu e só por isso temos motivos de conversa mais que suficiente e sobra, sempre, muita conversa para as futuras reuniões. Apesar da enorme simpatia que eles tiveram ao receber os meus telefonemas, ficamos com as nossas conversas suspensas no, tem de ser, mas temos de ver como está a minha agenda para podermos nos reunir, depois falamos sobre isso. Muito bom teres me telefonado pá, dizem eles, nós temos de nos encontrar

O COY

mesmo. Quando é que te vais embora? Daqui a uma semana respondi eu. Ui, há muito tempo, depois combinamos. É claro que a semana passou e não recebi qualquer telefonema e confesso que também não tive vontade nenhuma de voltar a incomodar. Amigos de ocasião falam da mesma forma comigo, isto é, demonstram interesse, mas um interesse hipócrita que nada tem a ver com aquela velha amizade que vivemos anteriormente.

Por seu lado, amigos de infância falam comigo da mesma forma. Queres estar comigo? Então olha, pá, amanhã pelas três horas eu faço uma pausa no trabalho e tu vai tomar um cafezinho comigo no Café da esquina, aqui da vila. Enquanto eu bebo o café a gente conversa e mata as saudades todas. Bem, disse eu na minha ignorância, mas eu sei que és muito ocupado não é melhor se a gente se reunir à noite ou assim. Resposta do meu amigo, pois sabes que à noite é complicado, mas aparece amanhã que pode ser que eu apareça e a gente se fale e se veja. Está, digo eu, para não ser antipático, porque nem com a certeza que ele vai aparecer fiquei. Aquilo que realmente me apetece é mandá-lo para um certo sítio que não é de bom tom aqui de escrever. No dia seguinte, através de um SMS desculpei-me pela minha impossibilidade de poder estar presente, já que notei que não havia qualquer interesse da parte desse meu amigo de infância de estar comigo o que se veio a concretizar pois nem uma resposta de Ok, recebi.

Colegas de trabalho foram grandes amigos e fui fundamental para a sua integração no trabalho e na equipa que eu fazia parte. Por várias vezes na sua vida me disseram, Jean Pierre, eu não me teria integrado nesta equipa come integrei se

O COY

não fosses tu e foram fundamentais os teus bons conselhos, e não posso esquecer jamais o quanto és meu amigo, um grande amigo meu. Telefonei também, olá estás bom? Olha que eu vim cá e gostava de estar contigo um pouco, pode ser? Era essa a minha vontade de lhes fazer a proposta. Mas contrariamente ao expectável ninguém atendeu telefone que tocou, tocou e ninguém atendeu. Pensei eu, bom deve estar ocupado e provavelmente vai me devolver a chamada. Estava enganado porque até agora, e já lá vão uns meses não recebi qualquer chamada tanto mais que o celular grava o dia e a hora que eu faço e recebo telefonemas e se alguém me tivesse telefonado eu teria recebido essa informação. Também não voltei a ligar porque achei que a insistência seria feia da minha parte, um abuso de confiança e impor a minha presença não fazem parte da minha maneira de ser.

Mas o desprezo e o desinteresse daqueles que eu achava que gostavam de mim, gostavam de estar comigo, não fica só por aqui. O desprezo e desinteresse daqueles que eu achava que gostavam de mim, fosse qual fosse a situação, passou à história, porque efetivamente já não precisam de mim e dos meus préstimos, e portanto eu foi descartado sou já uma carta fora do baralho e cada qual tem hoje a sua vida e, eu sei, que eu faço parte do seu passado, um passado longínquo, e que hoje existe só a lembrança que esse tempo foi agradável, em que eu me senti útil, em que convivemos bastante mas agora todos eles têm as suas vidas, todos eles têm as suas novas vidas. Outros amigos outras sensações, outras necessidades e que provavelmente pensam que eu, para eles, não serei mais útil para coisa alguma. Faz sentido e sem ressentimentos aceito a situação sem qualquer problema.

O COY

Muitas outras coisas estão acontecendo notando, que mesmo a minha família mais chegada demonstra um total desrespeito e desconsideração por mim. As pessoas não me visitam, não aceitam os meus convites para virem a minha casa, enfim, sinto que sou uma carta fora do baralho. Eu não gosto de me impor a ninguém, isso não faz qualquer sentido na minha maneira de ser e por outro lado isso dá-me a liberdade de poder tomar as minhas opções de vida sem grandes problemas de consciência já que na realidade não sou necessário a ninguém e a minha presença não é sentida por ninguém, quer seja família, amigos e conhecidos. Pronto, aqui estou eu no meu quarto de hotel, sem amigos, sem familiares, sem colegas, sem ninguém, o que me faz pensar que nesta minha viagem à minha terra me está a mostrar que por aqui só tenho realmente a minha mãe. Os amigos, os familiares de antigamente não existem mais como tal e são agora pessoas para as quais eu não significo nada ou muito pouco, talvez umas recordações de um passado bem longínquo e que provavelmente já nem se lembram, penso eu. Tenho de virar essa página na minha vida.

Deixem-me apresentar, sou o Jean Pierre de Bettencourt. Fui durante uma vida inteira um profissional de tecnologias de informação e bancário e tive sempre a vontade ser treinador de futebol. No início da minha vida tentei ainda fazer alguma coisa no sector, mas a entrada na faculdade de educação física, por questões da minha inadaptação como atleta e o curso de treinador ficaram parados e suspensos porque a disponibilidade financeira também não permitia a

O COY

realização desses sonhos. Outro sonho que tinha era o de ser músico, ficou suspenso. Na altura, com poucos recursos financeiros tentei levar às editoras as minhas músicas gravadas precariamente, em umas cassetes. Pensava eu que os editores pudessem ver nos meus trabalhos algum potencial que valesse a pena investir. Não valeu a pena, até porque eles não gastaram nenhum segundo para ouvir as cassetes, de forma que pudessem dizer é bom ou é mau. Nessa altura, ainda jovem da minha vida, reparei que certas atividades que eu gostaria de desempenhar, sobretudo no campo artístico não eram para pessoas que tivessem tão pouco dinheiro como eu tinha. Realmente para quem tem maiores disponibilidades financeiras tem sempre as portas abertas já que se pode autofinanciar, coisa que está vedada a quem não o tem. O talento pode ser muito, mas só num golpe de muita sorte é que uma pessoa com poucos recursos financeiros disponíveis consegue ver as suas coisas publicadas, sejam elas na área da música, na literatura, na pintura, no desenho, ou outra qualquer forma de arte.

A minha vida musical iniciou-se quando tinha catorze anos de idade e tinha uns amigos na escola que também estavam a dar os primeiros passos. Alguns mais evoluídos que outros sobretudo o Alexandre que tocava qualquer música que ouvia em solo de uma forma que todos nós ficávamos admirados pela sua destreza. Esse jovem, que eu não tenho dúvida nenhuma, se tivesse nascido num país, mais desenvolvido musicalmente que o nosso, teria ido longe na música. Anos mais tarde, bastantes anos mais tarde encontrei-o e perguntei-lhe, então Alexandre? continuas a tocar guitarra, ao que ele me surpreendeu imensamente dizendo que já fazia

O COY

alguns anos que não tocava porque tinha tido tantas quedas da sua mota, outra paixão que ele tinha, que já não tinha força na mão esquerda para fazer os acordes e os solos, ou seja, apertar as cordas no braço da guitarra. Pensei comigo mesmo, como se perdem tantos talentos excelentes. Por isso, um país pobre, se manterá sempre pobre porque não consegue fazer crescer os seus mais talentosos e garanto-vos ele era exímio na guitarra. Pensei, como eu sou realmente persistente, pois mantenho a minha paixão pelos meus sonhos intactos. Recordo com alguma emoção aquele dia em que levei pela primeira vez uma música composta por mim para nós tocarmos. Foi realmente extraordinário. Eu comecei a tocar e a cantar e logo de imediato o meu amigo Luís entrou nos mesmos acordes e os dois tocávamos em simultâneo. Quando fiz uma pausa o Alexandre avançou a solar em cima nos nossos acordes e a coisa ficou mesmo muito boa. Ainda fizemos algumas mais experiências, mas depois da vida escolar ter terminado, separámo-nos e nunca mais voltamos a tocar juntos. Mais um potencial que se perdeu. Um grupo que se tivesse condições, não tenho dúvida que se tivéssemos condições de ter bons instrumentos e possibilidade de continuar a tocar teríamos bastante êxito. Mas não. Naquela altura tocava-se música de qualidade, muita música de qualidade. Convém dizer que musica de qualidade era considerada toda aquela que falasse de política e determinada área da política. Havia coisas engraçadas, mas maioritariamente eram coisas horríveis, de tal modo horríveis que eu assisti em uma deslocação a uma editora com as minhas músicas, dois ilustres da época que diziam mal, muito mal, de uma determinada corrente musical que existia no resto do mundo, o Disco, a dançarem uma música dessas numa sala da

O COY

editora. Era muita hipocrisia. Por esse motivo, muita gente da minha geração, tal como eu preferia ouvir música estrangeira, normalmente norte-americana, inglesa, italiana e alguma brasileira. Falava-se de tudo contra a música pop ou rock, que não tinha qualidade, que era o ópio da juventude, enfim uma série de besteiras que nem adianta dar muita importância nesta altura. Imagine-se que até os Beatles eram considerados de má qualidade. Recordo de ter lido uma entrevista que um desses jornalistas imbecis, que existiam na altura, que conseguiu com um elemento dos Beatles o qual ficou horrorizado com as teorias desse ignóbil, perguntando-lhe mesmo, de que planeta ele tinha vindo e se havia alguém que desse importância às suas teorias.

Voltando à minha atividade musical e os meus princípios, contrariamente ao que aconteceu com os meus amigos e colegas, continuei, continuei sempre e penso que hei de morrer, a compor, a tocar e a escrever. Só Deus sabe o que será da minha obra, e eu como seu filho sempre aceitei, aceito e aceitarei as Suas decisões embora vos confesse que por vezes me revolto por Ele não me dar aquela oportunidade que eu tanto queria. Não sei se será por minha incapacidade de encontrar o meio de me promover ou simplesmente porque não tem valor qualquer uma das minhas obras.

Eu, no entanto, não parei. Continuei. Gravei mais músicas que compus. Gravei da única forma possível que tinha que os meus poucos recursos me permitiam e sabendo que a qualidade das gravações era realmente muito má. Tinha um sonho, sim, também tinha um sonho. Tinha a ideia de que num golpe de sorte alguém pudesse ver potencial nos meus

O COY

trabalhos e que se interessasse por investir em mim e na minha obra, mas não, nada, nunca, ninguém.

Os produtores discográficos, muito solícitos e cordiais aceitavam as minhas cassetes, mas invariavelmente não as ouviam. Uns simplesmente eram a simpatia em pessoa, outros mais fechados, mas a resposta era invariavelmente a mesma, eh pá Jean, ainda não tive oportunidade de ouvir as tuas músicas. Volta cá daqui a quinze dias que eu já as devo ter ouvido. Voltava, mas a situação repetia-se. Uma altura, um quis que eu tocasse e cantasse para ele, mas destruiu completamente a minha possibilidade dizendo que a minha guitarra estava desafinada e que assim não valia a pena. O nervosismo de estar a tocar pela primeira vez para um estranho também não ajudou.

Ainda tive aulas de canto com um maestro que me disse que tinha um timbre de voz bonito, mas a falta de condições para pagar as aulas também me afastou dessa possibilidade de por aí ter acesso a divulgar o meu trabalho, tanto mais que ele queria que eu cantasse músicas de outros compositores o que realmente não era o que eu queria, porque o que eu desejava era ser compositor e não cantor. Nem sou um grande cantor, acho eu, mas penso que também não serei dos piores.

Nessa altura decidi que era o momento de me dedicar a outra atividade, era altura de fazer algo de útil. A falta de apoio familiar era outro ponto forte que me fez sempre pensar em iniciar uma carreira profissional nas outras áreas que eu gostava também como a gestão de empresas, a contabilidade e

O COY

a informática. O apoio familiar é também uma motivação enorme para que se siga em frente e a constante referência que isso não é para ti, ou que, os outros é que são bons, aliados a uma chacota constante ao que se está a tentar construir faz com que só quem tenha uma enorme força de vontade é que consiga seguir em frente. Esse apoio familiar, até aos dias de hoje, nunca senti, infelizmente.

O COY

O COY

DECISÃO

Tal como na altura tomei a decisão de enfrentar uma vida profissional que não fosse ligada às atividades que eu realmente gostava e queria desenvolver o meu trabalho, também tomei agora uma decisão que pode ser polémica tanto mais que me considero um filho de Deus e Ele ensina-nos para não reagirmos assim, mas eu resolvi não dar importância para quem não sou importante, não dar valor a quem não me dá valor, não ser simpático para quem não simpatiza comigo. Amar o próximo é uma coisa, ser amigo de quem não é meu amigo, é pedir-me demais. Se estiver errado, eu sei que terei de responder por esta minha posição, no dia em que for chamado perante Ele por esta minha maneira de ser, nova.

É evidente que hoje se fala muito em Deus e têm existido situações no mundo que me deixam muito perplexo quanto ao que se está a passar. Deus existe na cabeça dos seres humanos, penso eu que desde que o ser humano começou a raciocinar. Umas pessoas dizem que se trata da necessidade que o ser humano tem em respeitar algo que lhe seja superior e de ter medo para não tomar certas atitudes como por exemplo roubar, estropiar ou mesmo matar. Bom, se fosse assim os ateus tomariam essas atitudes tranquilamente e sem ressentimentos. Todos nós verificamos que as coisas não são assim e há gente boa em todas as religiões em todas as classes sociais, em todos os países como também há pessoas que o são nos mesmos locais. A diferença entre um ateu e um crente está na fé, que uns sentem e outros não. A fé não se explica, a fé sente-se e não vale a pena discutir, porque ela não é discutível,

O COY

ela simplesmente se sente e não tem explicação. Eu Jean Pierre Bettencourt me confesso que, para mim, a nível de fé, as pessoas se dividem nesses dois grandes grupos, os que creem e os que não. Os que não creem estão muito mais à vontade porque não têm de defender nada, não têm que fazer nada porque não têm uma conduta a seguir, tenha isso a importância que tiver, mas obviamente que quem tem fé não deveria fazer coisas, ou tomar atitudes que não estejam dentro do espírito da sua fé. Sabemos e conhecemos que muitas pessoas crentes cometem pecados mortais e pouco se importando com as consequências quer de ordem divina quer de ordem humana.

Em juízo e como juiz desta minha nova atitude para com as pessoas eu sigo aquele lema de amar os outros como a nós próprios, ou não? A resposta certa é, não sei. Eu nunca deixei de me amar, eu nunca deixei de ser amigo de mim mesmo, eu nunca deixei de me estimar, eu nunca deixei de ser simpático comigo mesmo, enfim eu sempre me tratei bem pelo que é fácil me amar. Não sei se algum dia eu vou deixar de gostar de mim, e se isso acontecer, será que eu me vou amar? Nesses dias eu, ao deixar de gostar de mim, já não me estou a amar e, portanto, se tenho essa atitude, comigo, com os outros estou a seguir a mesma linha de pensamento. Se eu me deixar de amar, se eu me deixar de ser simpático, eu deixo de gostar de mim, conseqüentemente deixo de amar o próximo. Parece simples, mas não é, porque detrás de mim há algo que me inquieta e que me faz pensar que a minha linha de raciocínio embora lógica não seja coerente. Mas para já, vou deixar as coisas como estão e quando chegar a altura de responder pelos meus atos, lá estarei, esperando eu, que esteja hoje a fazer o

O COY

que é certo. Por exemplo, Jesus Cristo, na sua época, era tremendamente compreensivo e tolerante com toda a gente, mas também não amava, ou melhor, não gostava de todos por igual e teve de fazer uma escolha entre todos os que o seguiam de apenas doze para serem os seus discípulos e Jesus Cristo, na minha crença é filho de Deus feito homem, mas eu sou só um homem, com mil e um defeitos, com pecados imensos e sobretudo, como contarei a seguir, pecados algo graves. Eu prometo que irei ser sincero nos meus erros, nos meus pecados e nas minhas atitudes que como verão serão alguns, certamente e sobretudo serão pecados da carne.

Pensando em crenças, não posso deixar de pensar nas várias religiões que existem como o Cristianismo, Islamismo, Budismo, Taoísmo, para só falar daquelas que eu melhor conheço, são todas crenças que se baseiam em adorar Deus. Penso eu que na base disto tudo está realmente uma ação, uma força, um querer e só um crer e por isso para mim toda a gente que tem fé está na mesma família, pertence à mesma família. Atrever-me-ia a dizer que somos todos irmãos unicamente com formas diferentes de chegar ao nosso objetivo, de atingir o nosso objetivo que realmente é o de amar, respeitar cada qual o seu Deus. Cada qual escolheu um caminho próprio para chegar ao seu objetivo que é comum a todos.

Ultimamente tem-se visto muita gente a brincar com a fé dos outros, nomeadamente com Jesus Cristo ou Maomé. Se é verdade que os cristãos não têm respondido de uma forma muito violenta o mesmo não acontece com os muçulmanos e tem-se verificado alguns ataques muitas vezes chamados de terroristas de retaliação a estas ações de achincalhamento à fé

O COY

de algumas pessoas. Evidentemente que não se concorda com qualquer ato que tire a vida a qualquer pessoa. Nada justifica a morte ou o assassinio de seres humanos, mas evidentemente que é obrigatório que se respeite o sentimento, a fé, a crença, a parte espiritual de cada cidadão. Muitas vezes para uma pessoa de fé é tão grande e tão agressivo fazer chacota com as suas crenças como será também fazer chacota com os seus pais ou a sua família. Na sociedade moderna justifica-se os atos de chacota por eles integrarem a liberdade expressão, valor pelo qual tenho todo o apreço, mas não podemos nunca esquecer que qualquer liberdade começa na sua própria liberdade, mas termina assim que começa a liberdade do outro. Só consegue dar valor à tristeza e à revolta do achincalhamento das coisas que se amam quem, realmente, as vive. Se muitas vezes por questões de clubismo as pessoas se agridem, se provocam e se matam no sentimento mais profundo que é a fé obviamente que isso toca bem mais fundo. Repito que não estou, não penso, nunca, em branquear qualquer ato violento, sobretudo se levar à morte de alguém, a única coisa que defendo é que deve haver muito mais respeito pelas crenças de qualquer pessoa, de qualquer religião, de qualquer sentimento espiritual. Como já referi, atualmente os cristãos, não são tão agressivos na resposta a essas provocações como são (alguns) muçulmanos, mas todos nós sabemos que a igreja católica fez também algumas atrocidades que fazem parte da sua história. Neste ponto não há santos nem pecadores, mas sendo fundamental que haja sobre tudo bom senso e muito respeito pela forma como cada qual sente a sua vida espiritual. Não devemos nunca, seja a que título for brincar ou fazer chacota de qualquer sentimento de qualquer pessoa seja ela rica ou pobre,

O COY

grande ou pequena, inteligente ou menos inteligente, culta ou inculta e serena ou violenta. A pergunta é: se nós já conseguimos interiorizar que não devemos achincalhar ninguém pela cor da sua pele, e já só muito poucos o fazem, porque não interiorizar também que os sentimentos de fé não devem ser fruto de chacota? Tal como a cor da pele não deve ser motivo de se fazer comentários nem rancorosos, nem de chacota, também as opções religiosas não o devem ser tal como os problemas físicos de cada um. É uma questão de respeito e respeito não se aplica só à cor da pele.

É impressionante a forma como as igrejas encontram na vida mundana refúgio para exigirem daqueles que a seguem coisas que não fazem muito sentido. As pessoas que levam as coisas a sério e eu, evidentemente, respeito quem leva as coisas muito a sério, seja de que igreja ou religião seja, condicionam as suas vidas espirituais com opções e exigências que as suas igrejas fazem baseadas mais na vida mundana e de "bons comportamentos" à vista do Homem muitas vezes esquecendo aquele que é o espírito de Deus. Dois casos, de dois amigos. Um caso trata-se de um casal católico já de alguma idade, para cima dos sessenta anos que ambos são casados, um com o outro, pelo segundo casamento, sendo um casal que transborda amor, alegria e carinho mútuo. Um casal que serve a Deus, muitas vezes renunciando ao seu bem-estar físico e saírem do seu conforto para estarem fora de sua casa alguns dias a servirem a comunidade católica. Ambos não participam na comunhão na missa porque, segundo a lei católica quem está nessa situação, de segundo casamento, não o deve fazer. Evidentemente que eu não sou ninguém para pôr em causa as regras e as instruções seguidas pela igreja católica, embora

O COY

pense que nesse caso assim como em outras das suas opções não se está a seguir o espírito de Deus. Certamente que se qualquer um desses meus amigos, que têm o coração cheio de amor, estivesse sentado à mesa onde Deus (Jesus Cristo) estivesse a distribuir o pão e o vinho o faria com eles também porque como Ele próprio nos ensinou o Mundo Dele não é este. Outro caso que me deixou perplexo, agora já em uma igreja evangélica com uma pessoa amiga. Uma mulher extraordinária que teve o azar de casar com uma pessoa que lhe levou muitos dos seus bens materiais, em um casamento, lindo de papel e vestido de cauda e grinalda e com tudo o que tinham direito à vista da sociedade, que acabou obviamente mal. Uma mulher que serve a sua igreja de uma forma permanente e persistente sem olhar a meios, a temporais, a situações financeiras adversas para dar o seu contributo. Está num relacionamento com uma pessoa que a ama e a estima de uma forma que jamais conheceu no seu casamento devidamente registado em cartório. Agora a sua igreja não aceita o relacionamento baseado no amor, na fidelidade, na felicidade e exige um casamento no papel, com registo no cartório ou então ela vai sofrer consequências na sua igreja. À pergunta, mas casem-se só pela igreja a resposta é que esse casamento não tem validade porque só tem com o registo, com o papel assinado. Podemos ir buscar casos na Bíblia para vermos como essa opção, com todo o devido respeito e vénia, não parece estar no espírito de Deus. Adão e Eva, certamente não eram casados pelo registo civil do Jardim do Éden que também podemos chamar de Paraíso, é o jardim de Deus descrito no Livro do Génesis por exemplo. O primeiro milagre de Jesus Cristo, segundo a Bíblia foi nas Bodas de Canaã na Galileia que é uma situação bíblica descrita

O COY

exclusivamente no livro de João Dois. A transformação da água em vinho durante estas bodas é considerada como o primeiro dos milagres de Jesus. No relato bíblico, Jesus e seus discípulos foram convidados para um casamento e, quando o vinho acaba, Jesus transforma água em vinho milagrosamente e tanto quanto se pode saber nenhum dos noivos, nubentes se preocuparam em fazer o registo no cartório da cidade. Embora pareça que estou a colocar as coisas de uma maneira pouco respeitosa é justamente o contrário é realmente fazer pensar aos responsáveis das igrejas se algumas exigências que as suas igrejas fazem aos seus crentes estão dentro do espírito de Deus. Eu gosto muito de pensar sobre estes assuntos e baseados nos conhecimentos que tenho, que não serão muito aprofundados, tento interiorizar como Deus reagiria perante as situações que vivemos atualmente. Muitas vezes ouvimos dizer que Deus concordaria com casamentos homossexuais ou mesmo com a adoção de crianças por casais na mesma situação. Não tenho nada contra as opções sexuais de qualquer pessoa sejam elas quais forem tanto mais que as fantasias sexuais de cada um são de tal modo complexas que ninguém em perfeito juízo pode ser contra o que quer que seja, como verão mais à frente nesta minha partilha convosco. Por aquilo que eu conheço dos livros sagrados, não conheço nenhum que defenda as relações homossexuais, talvez a exceção esteja nos espíritas, por defenderem que o nosso espírito pode vir em outras encarnações em qualquer um dos sexos. Quanto aquilo que Jesus Cristo e, portanto, para aquilo que são os Cristãos, a referência que há é sobre a adúltera em que ela é mandada em paz, já que ninguém tinha a "ficha limpa" para atirar a primeira pedra, mas Ele disse, vai e não peques mais, Ele não disse, vai e

O COY

continua a pecar. Não tenho dúvida que Deus, de que religião seja, perdoaria qualquer pecador, mas jamais lhe diria vai e continua a pecar. Estes meus pensamentos fazem-me pensar muitas vezes para eu construir as minhas próprias opiniões que se baseiam sempre no respeito pelo ser humano, pelas suas opções, pelas suas crenças. Uma coisa é o meu respeito e consideração, outra coisa será quererem que eu aceite que Deus aceitaria certas situações que Ele considera pecado.

Nas conversas que tenho comigo mesmo muitas vezes me interrogo porque eu reagi de determinada maneira a uma provocação? Porque não fiquei quieto? Porque não fiquei calado? Porque fui tão fraco do ponto de vista carnal? Sabendo eu que muitas vezes o silêncio é a maneira mais inteligente de lidar com o provocador. A razão que encontro sempre é que eu sou feito assim, eu sou feito desta massa imperfeita, eu não me consigo controlar nas situações mais adversas e o meu comportamento é o resultado de toda uma complexa engrenagem que formou o eu que hoje eu sou. Muitas vezes me deparo a dizer para mim mesmo, a partir de hoje vou passar a ser assim ou vou passar a ser de outra maneira, mas a verdade é que o meu comportamento é sempre muito similar, naturalmente porque se não fosse assim, provavelmente já não seria eu, seria outra pessoa no meu lugar. Ao longo da vida nós vamos alterando a nossa maneira de ser, eu por exemplo tomei aquela decisão de reagir com os outros de uma forma equitativa ao tratamento que têm comigo. A questão é saber se eu consigo, se uma destas pessoas que agora não correspondeu a minha abordagem simpática, quando necessitar de mim, se algum dia necessitar de mim, eu vou ter a capacidade de reagir com ela na mesma forma hipócrita com que ela me recebeu

O COY

agora. Para ser franco não sei se conseguirei, mas confesso que também não estou muito preocupado. A decisão principal não é pagar com a mesma moeda é seguir a minha vida dando menos importância aquilo que os outros sentem por mim e fazer aquilo que eu penso estar certo em cada altura, em cada ocasião, em cada momento.

Como qualquer cidadão, como qualquer ser humano, tenho momentos bons, momentos maus, e momentos que são normais. Por momentos normais são aqueles em que não estou particularmente alegre e feliz, mas também não estou triste e infeliz. Felizmente a maioria dos meus dias são dias bons ou dias normais. Os dias maus não são muito comuns na minha vida. Tenho saúde, supostamente, porque nunca sabemos quando estamos doentes, tenho uma vida calma e sobretudo tenho sonhos, os meus sonhos que são muito meus, muito pessoais e que só compartilho efetivamente e a cem por cento com Deus. É realização desses sonhos, ou melhor, é o sonho da realização desses sonhos que me mantém vivo, feliz, e a continuar a trabalhar para que no dia em que Deus me der oportunidade de ver esses sonhos realizados eu esteja preparado. No que diz respeito aos meus pecados esperarei calmamente pelo dia em que tenho de responder por eles, o dia do julgamento final, perante o único que tem efetivamente poder para me julgar. Sei que vou continuar a pecar, sei que vou continuar a não ser totalmente um ser humano perfeito, mas garanto a mim mesmo que serei sempre uma boa pessoa, uma pessoa com respeito pelos outros, uma pessoa que não quer mal a ninguém, vou continuar a sentir os prazeres que esta vida proporciona pois se não fosse para o sentir, Deus não me teria dado esta vida.

O COY

O COY

A APOSTA

Desde sempre, esteja onde quer que eu esteja, onde haja um jogo de futebol, tudo farei para estar presente. Eu gosto do futebol pelo simples prazer de ver o futebol, seja bem ou mal jogado, tenha bons ou maus executantes, seja tecnicamente bom ou mau. Na pequena cidade onde vivo há um *team* de futebol que joga numa divisão secundária, bem secundária no futebol nacional.

Sempre achei que o *team* tinha capacidade para fazer muito mais do que aquilo que estava fazendo, mas não sendo o treinador, aceitava os maus resultados de uma forma tranquila, tanto mais que eu ia assistir aos jogos unicamente por gostar de futebol e não tinha qualquer afinidade clubística com o clube da cidade. A minha relação de clubismo era meramente superficial e muitas vezes conversava com algumas pessoas que estavam ao meu lado sobre a forma tática escolhida e como eu acharia que os jogadores deveriam estar posicionados. Havia um jogador no ataque que indubitavelmente se superiorizava da restante equipa, mas pelo facto de ser muito brincalhão muitas vezes perdia bolas, inclusivamente penalidades ou penaltis de uma forma displicente e acabando sempre por brincar com a situação o que me deixava bastante estupefacto e algo irritado. O que me deixava ainda mais estupefacto era realmente as pessoas não levarem muito a sério e aceitar em tudo o que ele fazia. Havia também jogadores que tinham, na minha perspetiva, características defensivas e que estavam jogando no meio-campo ao mesmo à frente no ataque. Eram jogadores que desarmavam muito bem, mas devido ao

O COY

local onde estavam jogando não tinham espaço para mostrar os seus dotes futebolísticos. Enfim, eu como treinador de bancada, tinha a minha opinião formada sobre equipa que achava que tinha nível para jogar com os melhores daquele escalão do futebol nacional. Eu tinha assistido a quase todos os jogos em casa do clube e, portanto, tinha mais ou menos, uma noção de como eram os seus adversários, qual a sua qualidade, qual a qualidade dos seus jogadores, qual o futebol praticado e garanto-vos que não achava nada que o clube da cidade fosse inferior a esses clubes, ou fosse tão superiormente inferior que merecesse estar numa zona de rebaixamento. Ao meu lado, costumava estar um senhor de cabelo branco sempre, rigorosamente bem penteado, com o cabelo para trás, de terno, ou de camisa, mas sempre muito bem vestido e acompanhado por outras pessoas nomeadamente senhoras. Era outra coisa que eu gostava nesse clube. Era a possibilidade de ver jogos de futebol sem nenhuma violência, sem quaisquer palavrões, sem o medo que os estádios grandiosos, atualmente, nos passam. O senhor, realmente não me conhecia muito bem, sabia, pelo menos o meu nome, e muitas vezes me dizia, sabe Jean Pierre? É muito mais fácil fazer as coisas aqui de fora, quando se está lá dentro tudo é diferente. Muitas vezes eu respondia-lhe, pois pode ser verdade, mas temo que não pense como o senhor, já que eu acho que esta equipa, com os jogadores que tem, tem capacidade para fazer muito mais do que aquilo que faz. Certo dia ele explicou-me que o treinador era um ex-jogador de uma grande equipa nacional, um craque da seleção nacional, inclusivamente tinha jogado no estrangeiro e como era de uma cidade perto, há mais de dez anos que treinava a equipa. Sempre a brincar eu ia dizendo que ele podia ter sido excelente

O COY

jogador, acredito, rematava eu, mas penso também que ele poderia tirar mais desta equipa. Um dia e após uma conversa destas o tal senhor disse o seguinte, sabe Jean Pierre? um dia destes ainda lhe vou mostrar que não é tão fácil fazer como você diz, continue a vir cá que vai ver que um dia lhe mostrarei como é difícil. Nessa altura pensei que ele me quisesse convidar para juntos irmos ver algum treino, ou alguns treinos da equipa. A coisa ficou por aí, continuamos cordialmente a ser vizinhos de bancada e a trocarmos ideias sobre o funcionamento da equipa. Ele sempre muito tolerante com os resultados, os jogos, o desempenho de qualquer dos jogadores, quer da equipa técnica quer até do público que deixou de vir ver os jogos por desinteresse, não só por causa do futebol praticado, mas também por, invariavelmente, a equipa ser brindada com derrotas e maus resultados.

Nesse ano a equipa estava mesmo pronta para descer mais uma vez no escalão de futebol nacional. Faltavam cinco jornadas para o termo do campeonato e se a equipa não fizesse pelo menos onze pontos estaria condenada a descer para a divisão inferior. Estávamos poucos espectadores no estádio porque já toda a gente estava desanimada com a situação e não dava prazer ir ver um *team* que constantemente perdia ou tinha maus resultados e fazia normalmente más exibições. Mesmo quem ia unicamente para beber umas cervejas na Tasca do Finório já se chateava por ver os de fora a humilharem a rapaziada que representava a casa. Digo representava porque alguns deles vinham de outras cidades de perto e iam ali para tentar aproveitar alguma janela de oportunidade para um

O COY

clube com maior projeção já que não tinham melhor. Nesse sexto jogo antes do fim da época quatro cadeiras afastado de mim estava o tal senhor sempre bem vestido, com muito bom aspeto e sempre muito cordial e afável. Estávamos numa situação de derrota por três bolas a uma e, mais uma vez, o brincalhão atacante desperdiçou um penáلتi, em uma brincadeira infantil que pôs toda a sua equipa a rir, quando o motivo era para chorar, já que com o três a dois se poderia correr atrás do empate porque ainda faltavam cerca de vinte e cinco minutos para acabar o jogo e se estava a jogar em casa. Achei-o de tal modo estranho a atitude da equipa que larguei um daqueles palavrões, pedindo de imediato desculpa ao senhor e aos seus amigos, já que estavam acompanhados, alguns deles das suas esposas. A minha mulher nunca me acompanhava para lado nenhum a não ser que fossem coisas do interesse dela ou reuniões, normalmente chatíssimas da sua família.

Para ajudar à festa começou uma chuva e um vento bastante fortes que nos fez afastar mais para cima na bancada de modo que não nos molhássemos com a chuva tocada a vento. O goleiro (guarda-redes) da nossa equipa ao fazer um esforço num cruzamento teve uma lesão que não pode continuar. Havia um jovem suplente que começou de imediato a fazer os seus exercícios de aquecimento. Entrou no jogo e pode-se dizer que entrou bem porque fez uma quantidade boa de defesas que lhe deram alguma autoconfiança. Num lance, em que mais uma vez a equipa jogou tudo para trás a bola chegou ao jovem goleiro que por pura inocência, inexperiência e falta de rotação foi desarmado pelo avançado adversário que chutou com toda a raiva para o meio da baliza com imensa

O COY

força. Toda a gente depois de bracejar e achar que realmente foi a inexperiência do jovem começou a abandonar o estádio para irem para casa porque o vento e a chuva estavam cada vez mais agressivos. Repentinamente senti no meu ombro esquerdo dois toques subtis e quando olhei vi o tal senhor sempre elegante, até hoje com a chave e o vento estava com um terno por baixo uma gabardine que lhe cobria o corpo quase todo, umas botas e um chapéu. Um verdadeiro *gentleman*. Estava na bancada atrás de mim inclinado para a frente com um sorriso simpático, aliás o sorriso sempre simpático que tinha e estendeu-me a mão. Eu, educadamente e também um pouco constrangido me levantei e aceitei o seu cumprimento. Ele tomou a palavra e disse, nós já falámos várias vezes, mas nunca fomos apresentados. Chamo-me Philip Lencastre e sou o presidente deste clube pelo qual sofremos domingo após domingo pelos seus maus resultados. Eu encolhi os ombros num ato de concordância e de o que se pode fazer? Ele continuou, posso-lhe perguntar o seu nome completo? Eu prontamente respondi, Jean Pierre Bettencourt. Ele agradeceu e disse de imediato, lembra-se que já várias vezes falámos sobre a equipa e quando o senhor dizia que faria as coisas de maneira diferente eu sempre disse que era mais fácil fazer e falar quem está de fora do que quem está por dentro das situações e que um dia eu lhe iria mostrar que sim, embora o senhor sempre duvidasse dessa minha teoria. Claro que eu me ri, e disse-lhe, não me diga que levou isso a sério. A resposta dele foi perentória, claro que sim e acho que chegou a hora. Deixe acabar de me apresentar. Continuava ele com um ar muito simpático e risonho. Como lhe disse chamo-me Philip Lencastre e sou o presidente deste clube há mais de duzentos

O COY

anos, quase a minha idade, disse ele continuando a rir. As pessoas que estavam atrás dele umas estavam com o semblante mais carregado, mas as outras, maioritariamente as senhoras riam, e ele continuou. Como sabe estamos condenados a descer de escalão porque nos faltam cinco jogos e com este resultado de hoje, precisaríamos de doze pontos que é praticamente impossível de realizar. Impossível, impossível não será disse eu, porque matematicamente falando ainda podemos, mas dada a época que fizemos será mesmo impossível. O Senhor Philip continuou, sabe o treinador acabou de me colocar o lugar à disposição e estou sem recursos, e assim como assim, isto é, estando nós condenados e não havendo muito mais que fazer tanto mais que daqui a duas jornadas recebemos o clube que está em segundo lugar e depois vamos ao campo do que está em primeiro as coisas são mesmo extremamente difíceis. Eu acenei como a cabeça positivamente e disse é! com um ar bem compreensivo e de aceitação do destino do clube. As coisas não estão nada bem e se o treinador saiu ainda complica mais a situação. Realmente, continuou o Philip, mas foi nessa altura, quando o treinador pediu para sair que eu pensei em umas conversas que temos tido em que eu lhe digo que as coisas são mais difíceis lá dentro do que quando se está por fora. Lembra-se que eu lhe tinha dito que um dia lhe ia poder mostrar isso. Eu fiz uma cara de estranheza, porque não entendia onde ele estava a querer chegar. Caro Jean Pierre, faço-lhe aqui o convite de treinar a equipa até final da época. Se não aceitar eu compreendo e se aceitar não lhe vou cobrar rigorosamente nada porque sei que não se faz omeletes sem ovos, mas em contrapartida se nos conseguirmos livrar da descida de escalão tem uma recompensa bem generosa da minha parte.

O COY

Eu ia para responder, mas ele pediu para continuar. Não tem de me dar uma resposta já, mas amanhã à noite vou fazer um churrasco na minha casa com alguns amigos e gostava que o senhor fosse com a sua esposa e levasse alguns amigos se desejar. Terei muito prazer em recebê-los na minha casa. Havia pessoas admiradas pela proposta um pouco absurda que ele me estava a fazer, a sua esposa dizia baixinho, ai! valha-me Deus, e outras pessoas do seu grupo se riam animados com a situação que era um pouco caricata efetivamente. Eu que, entretanto, pensava que sabia muito de futebol, embora não tivesse qualquer curso de treinador ou de estratégia de futebol, aceitei de imediato, mas claro que impus uma condição. Quando eu disse que tinha uma condição única todas as pessoas se calaram e reparei que todos os olhos estavam postos em mim com a ansiedade de saber qual era realmente a condição que eu queria por. Confesso que eu estava também um pouco assustado, mas não o quis demonstrar. Qual é a condição caro Jean Pierre? Sabe? Eu não estou em condições de negar nada, porque a situação não é nada boa, mas dependendo dessa sua condição o lugar é seu. Meu caro presidente, a minha única exigência é que não queria interferências de nenhuma espécie no que eu vou fazer, do meu método de trabalho e das minhas opções. Enfim quero ter carta branca para poder fazer o que eu achar mais conveniente a nível do futebol. Não vou fazer qualquer referência à gestão ou aos dirigentes, mas a única coisa que eu quero é que, nem mesmo o senhor presidente intervenha nas minhas opções e nas minhas estratégias e métodos de trabalho. Philip estendeu a mão e disse, tem a minha palavra de honra que não o farei, nem nenhum dos dirigentes o farão, mesmo aqui o meu amigo

O COY

Charles que é o diretor desportivo do futebol o irá fazer, está bem Charles? O tal Charles acenou que sim e disse perentoriamente que sim. Apesar do seu aspeto carrancudo a impressão que eu tive naquela altura é que toda aquela gente era lambe botas do Philip Lencastre. Largando a minha mão depois do compromisso assumido, Philip rematou com a seguinte frase, então amanhã no churrasco em minha casa já estaremos como parceiros no clube. Eu encolhi os ombros e disse, assim parece. O grupo afastou-se conversando calmamente e ainda pude ouvir a esposa de Philip lhe dizer, o que te deu na cabeça para fazeres um desafio desses ao senhor? Que confiança é que tens com ele para o desafiases dessa maneira? Ele respondeu, tu não entendes nada de futebol nem da relação que une as pessoas nas bancadas de um campo de futebol quando estão do mesmo lado. Efetivamente eu não conhecia aquele senhor de lado nenhum, aliás até há muito pouco tempo nem o nome dele sabia, mas aquele aperto de mão inspirou-me confiança e achei que ele iria cumprir o que realmente estava a dizer. Não tinha tanta certeza relativamente ao tal Charles, mas como ele era puxa saco do Philip, pensei que não iria haver problema de maior.

De qualquer modo, foi tudo uma surpresa para mim que acabei por me voltar a sentar na minha cadeira a repensar tudo o que tinha acabado de acontecer. Era algo de perfeitamente impensável. Nunca me teria passado pela cabeça que iria receber uma proposta daquelas. Eu comecei então a pensar no assunto e a cair mais em mim e naquilo que eu tinha acabado de aceitar. Jean Pierre, Jean Pierre, o que acabaste de fazer? Vais-te expor de uma maneira enorme e sem necessidade nenhuma. Depois vieram as incertezas, será que

O COY

eu tenho pedalada para fazer alguma coisa. Bom, mesmo que não faça nada, toda a gente sabe que a equipa está condenada e ganhar mais três ou quatro pontos ou mesmo nenhuma pouca diferença fará, a não ser, ter de desistir de fazer comentários à estratégia do futebol apresentado. Por outro lado, o desafio deixava-me extremamente feliz, porque finalmente iria colocar todo o meu conhecimento e gosto pelo futebol e estava a começar por uma equipa que eu realmente conhecia muito bem por ver praticamente todos os jogos deles. Conhecia todos os jogadores, embora efetivamente, na prática, nunca tivesse falado com nenhum.

Fiquei por ali um bocado com os meus pensamentos, até que, nem sei quanto tempo depois, me levantei vagarosamente e me desloquei para fora do Estádio. Quase que autonomamente entrei no meu carro e me desloquei para casa, pensando se deveria ou não falar no assunto à minha mulher que não é nada ligada a estas coisas que eu gosto. Resolvi contar até porque haveria o churrasco no dia seguinte e seria para ela ir comigo. A reação dela foi a esperada, então, mas tu lá percebes alguma coisa disso. Não sei para que te metes nessas coisas, mas enfim, tu é que sabes. Uma abordagem que não foi muito longe daquela que eu estava à espera e, portanto, não dei grande importância e fui à minha vida. Sentei-me no computador a ver os meus mails e a escrever o meu diário que lhe chamo de anamnese. Relativamente ao churrasco ela não garantiu que iria tendo ficado naquela indecisão típica das mulheres que não nos deixam planear e ter alguma perspetiva do que é que vai acontecer. Habitado a estas situações e habituado a não dar nenhuma importância, não voltei a pensar

O COY

mais no assunto. Amanhã, se ela quiser ir, eu irei saber três horas antes quando ela se começar a arranjar.

Resolvi dar uma vista de olhos sobre o que há na internet acerca de treinamentos de futebol. Eu sentia uma enorme vontade de fazer aquilo que tinha na ideia, mas nunca é demais saber sobre o assunto que nos está a preocupar. Na internet encontra-se de tudo, coisas boas, informações importantes, mas também muito lixo muita coisa que não tem a mínima importância. Andei por ali umas horas que foram muito boas já que me tiraram da cabeça a preocupação constante do que iria acontecer a partir de segunda-feira. Pensava eu. Como o jogo que assisti foi no sábado e os jogadores tinham o domingo para descansar, na segunda-feira volto ao trabalho. Tudo isso, pensava eu, irá ser esclarecido amanhã quando falar com o presidente no churrasco de sua casa.

Por volta do meio-dia, a minha mulher, abordou-me para que eu lhe desse um conselho sobre a roupa que iria levar para o churrasco. Comecei por lhe dizer, que se tratava de um churrasco e, portanto, não havia necessidade de vestir roupa muito sofisticada. Pouco adiantou, vários vestidos sobre a cama esperavam o meu veredicto. Pensava eu, mais uma vez estava enganado. De todos os vestidos e as roupas que estavam sobre a cama, havia umas que tinham um aspeto mais desportivo e achei ótimo para um invento daquela natureza. Então apontei para a referida roupa e disse, olha acho que esta roupa fica bem e é bem desportiva, porque podes inclusivamente levar os ténis e, portanto, estares muito mais à vontade. Claro que foi a mesma coisa que nada, de imediato,

O COY

ela disse, não achas que esta aqui fica melhor e que é boa para levar para uma situação como esta? Claro que é a vontade que tive foi dar logo um daqueles palavrões que em situações normais saíam, mas ali contive-me e disse, faz o que achares melhor, porque és tu que o vais vestir. De seguida, veio outra questão normal neste tipo de situações, mas eu não sei quem é que vai estar, dizia ela, se é gente importante, se é gente que liga a estas coisas, entendes? Claro que eu entendo, respondi eu pacientemente, mas eu não te posso ajudar muito porque também não sei quem vai estar, por isso, acho que não te deves preocupar muito com isso, vai da maneira mais confortável que puderes, porque é um churrasco. A forma que ela encontrou para me agradecer foi, metes-me em cada uma.

À noite foi difícil pegar no sono. As lembranças da responsabilidade que assumi, saber se tinha preparação para aquilo e se tinha feito bem deixou-me algo excitado. À noite ficamos sempre mais vulneráveis e por várias vezes me passou pela cabeça logo de manhã telefonar ao Philip e dizer que encontrasse uma pessoa com conhecimentos académicos para o lugar, mas por outro lado eu sabia que ia ser uma oportunidade única de eu próprio saber se a teoria que eu tinha sobre o futebol era realmente boa ou era só isso mesmo, teoria. Virava-me para um lado e para o outro e notava que o meu pensamento não parava de criar situações e sensações, umas boas, umas menos boas, mas outras más. Aquele avançado brincalhão ia-me fazer a vida negra, com as brincadeiras estúpidas e comentários idiotas que ele sempre tinha. Talvez o facto de ele não me conhecer me poupe dessas suas idiotices, mas não, ele fazia isso com todos os colegas e com equipa técnica também, por que raio não o faria comigo.

O COY

Bom, como eu ia ter carta branca posso sempre dispensá-lo até final da época. Boa, pensava eu, é uma boa opção, livrar-me do tipo e se vou mesmo ter carta branca posso sempre fazê-lo. Era indubitavelmente uma boa opção. Eu preciso de gente que esteja motivada e do meu lado e que joguem à bola, não preciso de palhaços. Se é palhaço que vá para o circo. Com estes pensamentos adormeci e com eles acordei no dia seguinte embora hoje já muito mais convicto daquilo que queria fazer e como o iria fazer.

Eu nunca compreendi, e acho que não sou único, porque é que as mulheres, perguntam sobre as roupas que nós achamos que elas devem usar, se ao cabo e ao resto acabam sempre por levar aquelas que elas julgam ser as ideais para os momentos. Durante a tarde, ela chegou a mais umas conclusões, minhas conhecidas, nomeadamente, descritas da seguinte forma, não tenho nada para vestir, não tenho nada que me sirva, não tenho nada que me fique bem. Não é verdade, eu sei que não é verdade, mas pelo sim pelo não, ainda disse, se quiseres ir ali ao shopping, eu faço-te companhia e sempre podes escolher alguma coisa que gostes para este efeito. Não, não vale a pena. Tu devias era ter me avisado mais cedo, dizia ela tentando pôr todas as culpas de algo que corresse mal nas minhas costas. Também aí não havia novidade. Calmamente lhe respondi, mas só ontem durante o jogo, ou melhor, no final do jogo é que o senhor me convidou para ir a esse tal churrasco, não tinha forma, nem maneira de saber que havia esse churrasco e sobretudo que eu seria convidado para ir. Tudo bem, tudo bem, eu vou tomar um banho e vou me preparar. Mas, interroguei eu estupidamente, o churrasco é só junto à noite e ainda faltam umas horas para a

O COY

hora que ele marcou para lá estarmos presentes. Está bem, está bem, mas eu gosto de me arranjar com tempo para não ficar tudo para a última. Está certo filha, disse eu, para não encrencar mais o diálogo que me estava a parecer completamente absurdo e sem qualquer sentido. Ela saiu para o banho, ou para fazer o que lhe estava na real gana, e finalmente eu ia ter um período de descanso.

Passada uma hora, ela aí estava toda nos trinquês para sair. O meu primeiro pensamento foi, estou fodido lá vem esta gaja, de novo, encher a minha cabeça com merdas. E assim foi, então? Ainda não foste tomar banho? Ainda estás assim? Vais querer chegar atrasado? Mas, respondi eu, mulher ainda faltam duas horas para hora que ele marcou. Aí, saltou-me à cabeça uma ideia brilhante, vou aproveitar para me ir arranjar e assim tenho mais os momentos de descanso. Assim fiz. Fui para o banho e deixei correr a água sobre mim uns minutos bem largos. Passados alguns minutos lá estava ela, de novo, agora batendo à porta do banheiro. Sempre que vais tomar banho perdes a noção das horas, já começa a ficar tarde, mas tu é que sabes. Sempre sou eu quem sabe, claro, porque se alguma coisa correr mal a culpa não morre solteira e é minha. Olhei para o relógio e devia estar ali há uns dez minutos, portanto a situação mantinha-se a mesma de quando estava na sala. Então dei aquela resposta, que eu adoro e que aprendi com os meus amigos brasileiros, estou indo. É uma frase que desarma qualquer um, o estou indo quer dizer que estou a ir, mas que posso ficar no mesmo lugar, porque só estou indo. Parece complexo, mas não é. Estou indo, quer dizer que já iniciei a minha deslocação para ir, mas esse início pode ser meramente interiorizado, portanto estou a convencer o meu eu que tenho

O COY

de ir, embora não esteja ainda a deslocar-me. Acho que é uma frase brilhante. As primeiras vezes que assisti alguém usar esta frase, eu fiquei surpreendido, porque vejamos, a mãe chama o Zé, Ó Zé anda logo, vai, e ele respondia, 'tou indo mamãe, 'tou indo, e a mãe ia-se embora e ele ficava rigorosamente no mesmo sítio a fazer rigorosamente a mesma coisa, mas ela aceitava a frase e ia-se embora. Fiquei fã dessa frase e passei-a a usar com muita frequência. Claro que ela voltou mais duas vezes a pedir que eu me despachasse e no final quando já me estava a vestir disse-lhe, eu não te disse que estava indo. Ela, para minha surpresa respondeu. Certo, mas já são horas. Certo? A palavra certo desconcertou-me completamente o que quer dizer que o 'tou indo teve o efeito desejado. Como achas que eu estou? Pergunta ela de flechada ao que eu respondi, estás deslumbrante como sempre. Mas tu nem olhaste... olhei, claro que eu olhei, queres que eu te descreva assim de costas para ti e te diga o que tens vestido? Pergunta de retórica. Não, não é preciso. Não seria difícil porque era uma roupa fácil de descrever por ser uma camisa e umas calças pretas, e com roupa preta não há nada que a comprometa. Pensando que o meu descanso iria começar, enganei-me. O quê? Vais assim vestido? A questão agora tinha-se virado para mim. Ela olhou-me de cima abaixo. Eu fiz o mesmo a mim e não reparei em nada que fosse particularmente errado. Encolhi os ombros e disse-lhe, vai ao meu armário e escolhe a roupa que queres que eu leve. Eu? respondeu ela com uma interrogação claramente e com uma acentuação bem definida na parte interrogativa. Tu já és crescidinho para saberes o que deves levar vestido e como te deves vestir. Lá está, mais uma vez uma boa critica e uma responsabilidade em cima de mim. Habitualmente e mais uma